

Relato de experiência – viver com Deleuze

DOUGLAS MENEGHATTI¹

Filosofar a partir da vida e viver com intensidade – é difícil separar esse jargão de minha relação com Deleuze. Por mais que o pessimismo me assombre como único caminho possível em meio ao denso barro do manguezal dos conceitos e da própria vida em sua segmentaridade dura, muitas vezes atolando qualquer otimismo que possa aparecer em meio ao lamaçal, devo admitir que Deleuze é um daqueles autores que, sobremaneira, me faz ver algo a mais que a lama – permitindo a captura de crustáceos – num universo em que, sem ele, talvez tudo não fosse mais que lama, só lama e muita desilusão em um porvir tão assombroso quanto incerto e inseguro.

Os 100 anos de Deleuze são prova de que é possível sobreviver ao lamaçal que nos submerge. Por mais que a vida seja densa, que a molaridade nos endureça e que os estratos sigam acumulando camadas sobre camadas, com Deleuze é possível existir e resistir.

Nada me parece mais otimista e cirúrgico do que a sentença: “O princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 13). Essa é uma lição que tenho repetido reiteradamente, numa espécie de solipsismo existencial, desde que a li pela primeira vez – possivelmente em 2013. Diante da imensidão de tantos universais que movimentam o filosofar, sobretudo a partir do platonismo, parece oportuno nunca perder de vista essa premissa básica para o que podemos chamar de filosofia da imanência.

Uma filosofia que produz conceitos em “sobrevoo absoluto à velocidade infinita”: Deleuze opera o filosofar num ritmo em que os corpos se encontram e produzem afecções em meio à operacionalidade de um mundo que existe como soma de infinitas potências – tão necessárias quanto indeterminadas. Pois, com o abandono do universalismo filosófico, necessidade e indeterminação perdem o status

¹ Doutor em Filosofia pela UNIOESTE – Campus Toledo. Professor EBTT pelo IFPR – Campus Capanema. E-mail: douglas.meneghatti@ifpr.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0407-3536>

de polos contraditórios e passam a coexistir como acontecimentos que fazem do filósofo o grande artista de um universo fantástico e dinâmico – totalmente incapaz de se revelar a intelectos formais e teóricos. Ora, somente a intuição desvela novos mundos e promove encontros pulsantes, capazes de arrepiar e intensificar cada afeto que transborda da afecção entre os corpos.

Filosofia da diferença é o termo recorrentemente empregado para expressar as ideias de Deleuze. Uma diferença que rompe com o valor unitário de qualquer conceito – abrindo sempre perspectivas para a multilateralidade – numa ótica em que os simulacros deixam de ser uma realidade de segunda classe e passam a exprimir a própria operacionalidade do mundo como vir-a-ser.

Filosofar pelos simulacros é um grande salve à imanência. Nietzsche, em *Crepúsculo dos ídolos*, já havia dito que o próprio dualismo se sustenta do mundo aparente, uma vez que ao negar a aparência sequer sobram vestígios da dita essência ou realidade ideal. Quando se idealiza um tipo superior em detrimento de um inferior, o mundo entra em via metafísica de sustentação de valores unitários que servem de modelo para a multiplicidade sensitiva. O filosofar com Deleuze é sempre resistência a esses arquétipos identitários: conceitos como nômade, ritornelo, máquina de guerra, rizoma e tantos outros, são expressões de um devir em seus fluxos intensivos, produzindo a imanência, ou melhor, sendo imanência, num “mundo” que insiste em aprisionar corpos na ótica temerária da transcendência.

Em *Diferença e repetição*, Deleuze lançava uma dura tarefa para a filosofia: “Tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença” (2021, p. 54). Exaltar a diferença para que a filosofia deixe de ser o clube de grupos unitários que prezam somente pela índole do próprio clã – aliás, depois de conhecer Deleuze tenho tido dificuldade de usar a palavra filosofia no singular. Nesse viés, Deleuze, para mim, já se tornou sinônimo de acolhimento. Viver com Deleuze é, portanto, um viver com e um viver para: viver com as multiplicidades que nos cercam e viver para que essas multiplicidades não sejam ignoradas, esquecidas e o que é pior, discriminadas e violentadas.

Existir e não julgar

Juízo e existência poderiam facilmente ser tomados como antônimos na ótica deleuziana. O juízo aprisiona a existência, uma vez que limita seu poder de ação – reduzindo o movimento a um cânone de deveres e prescrições. Deleuze enfrentou, como poucos, o nefasto poder de atuação do juízo de Deus. “Fazer existir, não julgar” (2011, p. 173) é uma máxima que movimenta minhas leituras com Deleuze, desde que decidi pesquisar os efeitos do juízo de Deus na civilização ocidental em 2020, quando comecei meu doutorado.

Estamos subjugados, nossos movimentos são constantemente vigiados e quando nos encontramos “livres” da vigilância externa que nos coarcta, nossa própria consciência nos aprisiona, sob a égide de diversos nomes, como pecado, culpa, remorso, ressentimento e tantas outras faces de uma dívida interiorizada que nos põe na condição de contínuos devedores.

O juízo tem a marca de uma dívida infinita com a divindade. Deleuze (2011, p. 163), não poderia ser mais claro: “É preciso que o devedor sobreviva se sua dívida é infinita”. Sobreviver! O juízo afasta os corpos do que eles podem. A pergunta: o que pode um corpo? Fica limitada pelo poder do juízo. Definitivamente, viver agora é estar na égide do prefixo “sobre”. Onde impera o juízo a vida degenera, restando apenas sinais de “sobrevida”.

Uma conexão de muitos olhares, com aquela sensação de estar constantemente sobre observação. A roda de Ezequiel não para e, com ela, giram olhares sobre todas as direções. Nesse viés, fica difícil imaginar o que faríamos se não estivéssemos sob a tutela alheia. Lula Queiroga, acertou ao usar a expressão “pavilhão de espelhos”: “como num pavilhão de espelhos, eu te vejo multiplicada em mil”, na canção imortalizada na voz de Roberta Sá², em 2011. Nessa ótica, a tal liberdade, por muitos encarada como uma ação que independe de influências externas, não passa de um auto engodo – afinal, representamos e somos representados por muitos olhares.

O ponto de partida do meu doutorado foi justamente pensar o juízo de Deus na sua ótica de dívida infinita. Assim, posso dizer que em Deleuze encontrei a razão de

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJXZ4bl8zO4>. Acesso 29 jun. 2025.

minha tese e de muitos combates traçados desde 2020 (Meneghatti, 2024). Minha maior dificuldade, tenho agora de confessar, abandonar o pessimismo que a filosofia e o mundo me impuseram ao longo de muitos anos. Deleuze, em seus aspectos de otimismo, que se expressam em tantas intensidades de conceitos e peleias que resistem a molaridade do juízo em seus densos estratos, bem que acendeu algumas fagulhas de um porvir menos catastrófico em minhas expectativas de futuro. No entanto, novamente confesso, ainda tenho minhas próprias resistências que me impedem de creditar à humanidade qualquer aceno de uma mudança no doloroso decurso de uma existência que insiste em ferir o outro e o próprio mundo.

Voltando ao “fantástico” mundo do juízo, não poderia deixar de mencionar as religiões, sobretudo, as múltiplas denominações cristãs oriundas do século XX, que se somam ao cristianismo histórico e ao protestantismo. Embora haja sempre algo novo, muitas vezes em tom de revolta contra outrem, o elemento da dívida infinita se mantém imaculado nos novos credos ascendentes. Um Cristo juiz, um Cristo perquiridor das ações humanas, um Cristo apocalíptico, um Cristo avesso à simplicidade do próprio Cristo dos evangelhos sinóticos. Parafraseando nosso centenário: “Submeterão Cristo à pior das próteses: farão dele o herói da alma coletiva e o obrigarão a devolver à alma aquilo que ele jamais quis dar. Ou melhor, o Cristianismo vai dar-lhe aquilo que ele sempre odiou, um Eu coletivo, uma alma coletiva” (Deleuze, 2011, p. 56).

“Herói da alma coletiva” na medida em que enfraquece as predisposições individuais, tornando cada indivíduo mais apto para o ordenamento e a disciplina próprias de cada credo. Para isso, é imprescindível aquele toque sutil, mas constante de medo: das diferenças, do pecado, da reprovação, enfim, de fatores que somados levam até a condenação eterna. Sobrevivemos porque nos deixamos mover pela invenção de um Cristo capaz de manter viva a dívida infinita, ostentando uma “alma coletiva” e reprovando cada ação individual – afinal, somente enquanto “rebanho” compomos a dita alma de alguma igreja, sempre ávida em igualar os não iguais.

Enfim, um século com Deleuze expressa a grandiosidade dos afetos contra o juízo de Deus. Numa ótica que mistura arte, cinema, cosmologia, geografia, política e tantas outras esferas: a mecosfera cintila como um universo aberto, como um plano de imanência ávido a qualquer personagem conceitual que seja capaz de cifrar a

metamorfose. Cifrar sem impedir que os fluxos sigam: cada novo conceito lança mão de uma melodia para a vasta harmonia do universo. Deleuze nos ensinou a ver conceitos em meio à multiplicidade, não a impedindo de seguir seus fluxos, na incomensurabilidade de um mundo que insiste em escorrer: abrindo caminhos e rotas de fuga para àqueles que, mesmo sob a égide dos olhos das rodas de Ezequiel, constituem suas próprias intensidades.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

MENEGHATTI, Douglas. *Juízo de Deus: uma chama que não se apaga*. Curitiba: Appris, 2024.